

DEDC - CAMPUS XIII
Departamento
de Educação



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DEDC / CAMPUS XIII
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

SILMARA ALVES QUEIROZ

**NOSSOS CAMINHOS: TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES DA UNEB
(CAMPUS XIII) QUE VIAJAM TODOS OS DIAS PARA ESTUDAR**

Itaberaba – BA

2025

SILMARA ALVES QUEIROZ

**NOSSOS CAMINHOS: TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES DA UNEB
(CAMPUS XIII) QUE VIAJAM TODOS OS DIAS PARA ESTUDAR**

Artigo Científico apresentado ao Departamento de Educação (DEDC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus XIII, como requisito parcial para conclusão do Curso de Pedagogia.

Linha de Pesquisa 6: Educação, Epistemologia e Pluralidade Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Maria das Neves Enéas da Silva Santos

Itaberaba – BA

2025

SILMARA ALVES QUEIROZ

**NOSSOS CAMINHOS: TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES DA UNEB (CAMPUS
XIII) QUE VIAJAM TODOS OS DIAS PARA ESTUDAR**

BANCA AVALIADORA

Izabel Dantas de Menezes (Pós Doutora em Educação)
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Sirlei Aparecida de Almeida Ribeiro (Convidada)
(Mestranda / Programa de Pós-Graduação em Intervenção Educativa e Social – PPGIES)
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Ney Menezes de Oliveira Filho (Doutor em Direito)
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Maria das Neves Enéas da Silva Santos (Doutora em Educação / Orientadora)
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Aprovado em: 09 de Janeiro de 2025

NOSSOS CAMINHOS: TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES DA UNEB (CAMPUS XIII) QUE VIAJAM TODOS OS DIAS PARA ESTUDAR

Silmara Alves Queiroz¹

Maria das Neves Enéas da Silva Santos²

RESUMO: A mobilidade estudantil no ensino superior, especialmente em instituições localizadas no interior da Bahia, reflete os desafios impostos pela expansão universitária estadual. Este estudo aborda o movimento pendular dos estudantes do Campus XIII da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em Itaberaba, e busca compreender os desafios enfrentados no deslocamento diário entre casa e universidade. Fundamentado em autores como Ferreira (2017) e Silva (2022), que discutem as barreiras logísticas e sociais associadas ao acesso à educação superior, o trabalho evidencia os impactos desse interesse na formação acadêmica. Adotando o estudo de caso como metodologia, a pesquisa analisa dados coletados por meio de questionário aplicado aos estudantes, que relatam dificuldades relacionadas à infraestrutura precária de transporte, insegurança, desgaste emocional e condições adversas no trajeto. A vivência desses estudantes é marcada pela resiliência, evidenciando o esforço contínuo para integrar a vida acadêmica às demandas pessoais e profissionais. A pesquisa destaca a necessidade urgente de políticas públicas que priorizem melhorias no transporte estudantil, incluindo a manutenção de veículos e infraestrutura rodoviária adequada. O movimento pendular é um problema complexo que exige uma abordagem multifacetada. Ao compreender as causas e os impactos desse fenômeno, é possível desenvolver políticas públicas mais eficazes para garantir o acesso e a permanência dos estudantes no ensino superior, promovendo a inclusão social e o desenvolvimento regional.

Palavras-chave: Movimento pendular. Estudantes. Trajetórias.

ABSTRACT: Student mobility in higher education, especially in institutions located in the interior of Bahia, reflects the challenges posed by the state's university expansion. This study looks at the commuting of students at Campus XIII of the State University of Bahia (UNEB), in Itaberaba, and seeks to understand the challenges faced in the daily commute between home and university. Based on authors such as Ferreira (2017) and Silva (2022), who discuss the logistical and social barriers associated with access to higher education, the work highlights the impacts of this interest on academic training. Adopting a case study methodology, the research analyzes data collected through a questionnaire applied to students, who report difficulties related to precarious transport infrastructure, insecurity, emotional distress

¹Graduanda de Pedagogia do Departamento de Educação (DEDC) – Campus XIII da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: silmaraalvesqueirozsaq@gmail.com

²Doutora em Educação (Universidad Del Mar – Chile). Docente orientadora, efetiva do Departamento de Educação Campus XIII da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: mnesilva@uneb.br

and adverse travel conditions. The experience of these students is marked by resilience, showing the continuous effort to integrate academic life with personal and professional demands. The research highlights the urgent need for public policies that prioritize improvements in student transport, including vehicle maintenance and adequate road infrastructure. Commuting is a complex problem that requires a multifaceted approach. By understanding the causes and impacts of this phenomenon, it is possible to develop more effective public policies to ensure that students have access to and remain in higher education, promoting social inclusion and regional development.

Keywords: Pendulum movement. Students. Trajectories.

1. INTRODUÇÃO

Às vezes, no buliço do mundo e no vaivém do cotidiano, é preciso tomar tempo, parar um pouco e deixar que fale o coração. Alguns falam por carta; outros em Diários; outros, ainda, em livros e revistas. E dou graças a Deus porque existe gente que não guarda para si apenas a riqueza de sentimentos que o mundo foi trazendo até eles/elas. Eu...nunca sonhei ser cantor, nem poeta, nem compositor. Quis e tão somente quero ser gente, cristão e padre. Mas foram os jovens que me disseram que o importante não era um padre Zezinho músico, cantor ou artista, e sim um padre Zezinho que falasse do jeito que eles entendem. E aqui vou eu mais uma vez [...] São as histórias que eu conto e canto. (José Fernandes de Oliveira: Pe. Zezinho, 1974).

A mobilidade estudantil no ensino superior, especialmente em instituições localizadas no interior da Bahia, tem sido uma manifestação crescente e complexa, resultado direto da expansão universitária estadual. Essa expansão, como explicam Mota Júnior e Torres (2017), remonta ao final da década de 1960, quando foram criadas faculdades isoladas em diversas regiões do estado, com o intuito de interiorizar o ensino superior e formar professores, criando desafios para os estudantes baianos. A Universidade do Estado da Bahia (UNEB) como universidade multicampi, levou a formação acadêmica a localidades interioranas, promovendo o desenvolvimento regional e possibilitando que estudantes de baixa renda e de áreas rurais tivessem acesso ao ensino superior.

A expansão das universidades estaduais, como a UNEB, a Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB), a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e a Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), trouxeram à tona um fenômeno específico de movimento pendular, caracterizado pelo deslocamento diário de estudantes de suas cidades de origem para as cidades onde os campi estão

localizados. Ferreira (2017) define o movimento pendular como uma rotina de deslocamento entre casa e local de estudo ou trabalho, sendo um reflexo das dinâmicas regionais e das carências locais de serviços, como a educação superior. No contexto das instituições localizadas no interior da Bahia, essa prática se tornou parte da rotina de muitos estudantes, refletindo tanto os avanços quanto as limitações da interiorização do ensino superior.

Esse padrão também revela desigualdades regionais, onde centros urbanos maiores concentram oportunidades, enquanto localidades menores ainda enfrentam desafios de desenvolvimento. A mobilidade pendular, embora represente um esforço significativo por parte dos estudantes para superar barreiras, assinala para a necessidade de políticas públicas mais robustas, como:

- Ampliação da oferta de cursos em regiões carentes;
- Criação de programas de permanência estudantil com foco em transporte e moradia;
- Fortalecimento da infraestrutura nos campi do interior.

Essas medidas podem mitigar os efeitos do movimento pendular, tornando o acesso ao ensino superior mais equitativo e sustentável. Para Silva (2022), no Brasil, o direito à educação vem sofrendo instabilidades e que o transporte como política para o acesso à educação ainda é um tema recente. A autora explora como a falta de transporte adequado, a localização geográfica, a deficiência e a vulnerabilidade econômica são barreiras significativas para muitos estudantes, principalmente no ensino superior.

A reflexão trazida na epígrafe que compõe uma das canções do padre Zezinho (1974) no LP intitulado “Histórias que eu canto e conto” reforça a necessidade de discutir a mobilidade estudantil. Relembrar a trajetória pessoal e educacional é essencial para entender o “buliço” do dia a dia que muitos estudantes enfrentam na graduação e na pós-graduação, onde eventos marcantes moldam suas experiências. As narrativas compartilhadas por estudantes do Departamento de Educação da UNEB, Campus XIII, em Itaberaba, revelam a riqueza de sentimentos e desafios enfrentados durante o percurso acadêmico, transformando-se em “desabafos” e “histórias” que não devem ser guardadas para si, mas compartilhadas como parte de uma experiência coletiva.

Minha trajetória como estudante universitária foi marcada por desafios semelhantes. Cresci em uma família de quatro filhos, sendo eu a caçula. Meus pais,

semianalfabetos, lutaram para nos proporcionar um futuro melhor. Minha mãe, dona de casa e trabalhadora rural, sempre nos incentivou a estudar, apesar de não compreender completamente o trajeto escolar que deveríamos percorrer. Já meu pai, focado no trabalho, não valorizava tanto os estudos. Essa realidade refletiu-se em minha jornada até o Campus XIII da UNEB, onde enfrentei e ainda enfrento os desafios do movimento pendular.

Compreendendo as dinâmicas que permeiam o deslocamento estudantil no Campus XIII, a pesquisa busca responder à pergunta norteadora: **Quais são os desafios enfrentados pelos estudantes da UNEB (Campus XIII) no percurso de ir para a Universidade e voltar para casa?** A escolha pelo estudo de caso como metodologia é particularmente pertinente, pois permite uma análise contextualizada das dinâmicas que envolvem o movimento pendular dos estudantes do Departamento de Educação, o Campus XIII da Universidade do Estado da Bahia, que fica em Itaberaba.

Nessa perspectiva o objetivo geral é analisar os desafios enfrentados pelos estudantes da UNEB, Campus XIII, no percurso de ir para a Universidade e voltar para suas casas. Para tanto, fez-se necessário: a) mapear o deslocamento desses estudantes; b) compreender as razões desse movimento; c) descrever seu impacto na vida acadêmica.

Esse estudo transcende a análise objetiva das dificuldades de deslocamento ao abordar também as vivências subjetivas dos estudantes, especialmente em regiões interioranas da Bahia. Este trabalho destaca não apenas as barreiras estruturais, como a falta de transporte adequado e a vulnerabilidade econômica, mas também as estratégias de superação desenvolvidas por quem persiste no caminho para a formação acadêmica. As narrativas dos/das estudantes que responderam ao questionário não enfatizam memórias de experiências acumuladas durante o tempo do movimento pendular; a extensão deste texto não permitiu essa abrangência. Tais narrativas poderão ser objeto de pesquisa em outro tempo.

A pesquisa que fiz assumiu um caráter autobiográfico e coletivo, ao incorporar reflexões pessoais sobre a trajetória que vivi no ensino superior, conectando-me com as experiências compartilhadas por muitos outros estudantes que enfrentam desafios semelhantes. Assim, a pesquisa contribui para o debate acadêmico e político sobre mobilidade estudantil, enquanto celebra a luta cotidiana daquelas e

daqueles que veem na educação superior uma oportunidade de mudar suas realidades e transformar suas comunidades.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: a Introdução que aborda a relevância do tema, destacando a importância de compreender as dinâmicas do deslocamento estudantil em regiões interioranas da Bahia; explica as motivações que impulsionaram a realização da pesquisa, conectando-as às vivências pessoais e coletivas dos estudantes; apresenta o objetivo principal do estudo. A revisão de literatura, que explora o contexto histórico e social da interiorização do ensino superior na Bahia, enfatizando a expansão universitária e seus impactos regionais. Os procedimentos metodológicos: nessa parte há o detalhamento sobre a escolha pelo estudo de caso como abordagem metodológica. Há também a descrição e análise do campo: apresenta uma descrição do Campus XIII, de sua infraestrutura, localização e perfil dos estudantes; realiza uma análise dos dados obtidos. E ainda as considerações finais: resume os achados mais relevantes da pesquisa, ressaltando os aspectos estruturais e subjetivos do movimento pendular.

2. REVISÃO DE LITERATURA

A democratização do ensino superior nos municípios interioranos da Bahia trouxe consigo um fenômeno marcante: o deslocamento diário de estudantes entre suas cidades de residência e os campus universitários localizados em outros municípios. Essa dinâmica, reflexo direto do processo de interiorização das universidades estaduais e federais, criou oportunidades de acesso à educação superior para populações historicamente excluídas, mas também impôs desafios significativos.

Segundo Mota Júnior e Torres (2017) o processo de expansão do sistema estadual de educação superior na Bahia teve seu início no final da década de 1960, marcando uma transformação significativa na oferta educacional no estado. Esse movimento resultou na criação de faculdades isoladas em regiões interioranas, com o objetivo de descentralizar o ensino superior, interiorizar o acesso à educação e atender à demanda por formação de docentes.

A criação de novos campus universitários na Bahia foi um marco importante na expansão do ensino superior, promovendo oportunidades educacionais em regiões antes desprovidas desse acesso. Entretanto, essa expansão também

impulsionou o surgimento do movimento pendular, entendido como o deslocamento diário de pessoas entre diferentes municípios para fins de trabalho ou estudo, conforme definido por Ferreira (2017).

2.1 Histórico da expansão do ensino superior no Brasil

A expansão do ensino superior no Brasil passou por transformações significativas ao longo dos séculos. Neves e Martins (2014) explicam que o ensino superior era limitado a instituições isoladas, principalmente voltadas para áreas como Direito e Medicina, criadas durante o período imperial. No entanto, foi a partir do século XX, com a criação das primeiras universidades, que o ensino superior começou a se estruturar de maneira mais formal no país.

Os supracitados autores afirmam que o marco inicial da expansão do ensino superior no Brasil remonta ao início da década de 1930, com a fundação da Universidade de São Paulo (USP) em 1934. Esse evento consolidou uma nova etapa na história da educação brasileira, marcada pela institucionalização do ensino superior. Esse período histórico coincide com o governo de Getúlio Vargas, momento em que as preocupações com a educação ganharam maior destaque na agenda política do país.

A literatura aponta que o período da ditadura militar no Brasil (1964-1985) foi marcado por uma expansão significativa do ensino superior, tanto no setor público quanto no privado. Essa política educacional visava atender às demandas de profissionalização em áreas estratégicas para o desenvolvimento nacional, alinhadas ao modelo econômico adotado pelo regime, que priorizava a industrialização e a modernização tecnológica.

Contudo, esse período histórico evidencia que, embora a expansão tenha sido quantitativamente significativa, ela não foi acompanhada por políticas de equidade, o que manteve e até aprofundou as desigualdades no sistema educacional brasileiro. As universidades privadas, por exemplo, cresceram rapidamente durante o período, mas muitas vezes eram inacessíveis para a população de baixa renda devido aos altos custos, assim a rápida expansão quantitativa não se traduziu necessariamente em maior equidade no acesso à educação superior.

Neves e Martins (2014) complementam que a partir da década de 1990, o Brasil começou a implantar políticas de democratização do acesso ao ensino superior, com o crescimento significativo de instituições privadas e a criação de programas tais como: o Programa Universidade para Todos (Prouni) e o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), que facilitaram o ingresso de estudantes de baixa renda. A partir de 2003, o governo federal também deu início a programas de expansão das universidades federais, como o Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), cujo objetivo foi ampliar o número de vagas e interiorizar o ensino superior, levando universidades a cidades fora dos grandes centros urbanos.

Para eles essas iniciativas contribuíram para a criação de novos campus e a interiorização da educação superior, possibilitando o fenômeno do movimento pendular em diversas regiões, como no caso da UNEB. A interiorização do ensino superior foi um passo importante para democratizar o acesso à educação de qualidade, no entanto trouxe desafios logísticos e sociais, como o deslocamento diário de alunos entre cidades, fenômeno central deste estudo, contudo, estes ainda perpassam pela forma com que se deu esse processo de democratização e expansão no interior baiano.

2.2 A democratização do ensino superior no interior da Bahia

A história da expansão e democratização do Ensino Superior na Bahia carrega consigo peculiaridades muito importantes. Cunha (2002) explica que ao contrário de outras regiões do país, a expansão do ensino superior baiano se deveu a iniciativa do governo do estado que assumiu o movimento de expansão e interiorização do ensino superior.

Chapani (2012) explica que desde a década de 1960 já havia a mobilização em torno da criação de Instituições de Ensino Superior (IES) no interior baiano, e que foi a Lei n.º 1.802/1962 que criou as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras nas cidades de Feira de Santana, Ilhéus, Jequié, Caetité, Vitória da Conquista e Juazeiro, com o objetivo de preparar professores para o Magistério secundário, incrementar a pesquisa científica e difundir a cultura universitária no interior do Estado, acontecendo apenas no final dos anos de 1960 em municípios onde foram

considerados os critérios populacionais e de importância estratégica para suas microrregiões.

Contudo, percebe-se que o processo de interiorização deste ensino não se deu de maneira linear e muito menos com vistas a democratizá-lo, de fato. Chapani (2012) indica, por exemplo, que a expansão do ensino superior na Bahia se deu devido a interesses políticos da classe média das microrregiões, apontando importantes características destes como a concentração de cursos específicos em regiões como Feira de Santana, Ilhéus e Vitória da Conquista.

No contexto da Bahia, o aumento da demanda por educação superior, a necessidade de qualificação da mão de obra e as limitações na absorção de profissionais capacitados pelo mercado de trabalho têm impulsionado transformações no ensino superior do estado. Essas dinâmicas refletem a busca por soluções que integrem educação e desenvolvimento regional, moldando um cenário de desafios e oportunidades para estudantes e pesquisadores. Segundo o Sindicato das Entidades Mantenedoras de Ensino Superior de São Paulo (SEMESP), a Bahia destaca-se como o maior estado do Nordeste em termos de extensão territorial e população.

O Instituto SEMESP (2021) aponta, no entanto, que apesar da grandiosidade do número de matrículas e de Instituições de Ensino Superior, a Bahia possui ainda uma das menores taxas de escolarização líquida do país, abaixo da média nacional de 18,1%. Em 2019, por exemplo, a Bahia registrou 449 mil matrículas no Ensino Superior com 317 mil em cursos presenciais e 132 mil em cursos na modalidade educação a distância (EaD) (Figura 1):

Figura 1 - Dados gerais de cursos presenciais de EaD na Bahia em 2019

Mesorregião	Municípios	Cursos Presenciais*				Cursos EAD**			
		Rede Privada	Rede Pública	Total	IES	Rede Privada	Rede Pública	Total	IES
Centro Norte Baiano	80	26.638	13.166	39.804	27	27.439	990	28.429	49
Centro Sul Baiano	118	19.468	16.262	35.730	24	19.931	808	20.739	52
Extremo Oeste Baiano	24	5.158	4.164	9.322	12	7.008	1	7.009	24
Metropolitana de Salvador	38	118.404	52.166	170.570	58	35.743	1.200	36.943	68
Nordeste Baiano	60	11.818	2.714	14.532	21	9.651	341	9.992	40
Sul Baiano	70	23.987	11.731	35.718	22	18.327	474	18.801	48
Vale São-Franciscano da Bahia	27	4.956	6.006	10.962	13	9.147	961	10.108	33
Total - Estado BA	417	210.429	106.209	316.638	155	127.246	4.775	132.021	96

Fonte: Semesp (2021)

Sobre a UNEB, por exemplo, apresento pontos importantes de serem tratados. Chapani (2012) indica que embora todas as universidades estaduais tenham forte presença na formação docente no estado da Bahia, a UNEB se destacou nesse sentido.

A Universidade do Estado da Bahia (UNEB), criada pela Lei Delegada n.º 66 de 1º de junho de 1983, reconhecida pela Portaria Ministerial n.º 909, de 31 de julho de 1995, e reestruturada pela Lei Estadual n.º 7.176, de 10 de setembro de 1997, é uma Instituição autárquica de regime especial, de ensino, pesquisa e extensão, organizada sob o modelo multicampi e multirregional, estruturada com base no sistema binário e administrada de forma descentralizada (CONSU, 2019), vinculada à Secretaria da Educação do Estado da Bahia, com sede e foro na cidade de Salvador e jurisdição em todo o Território baiano. (Conselho Universitário, 2019, p.3).

O governo da Bahia transformou a Superintendência de Ensino Superior do Estado da Bahia (SESEB) e a Faculdade de Educação do Estado da Bahia em UNEB. Chapani (2012, p. 158) explica que “nessa ocasião a Seseb era composta pelo Centro de Educação Técnica da Bahia (CETEBA), em Salvador, e pelas Faculdades de Agronomia do Médio São Francisco, em Juazeiro, FFP de Alagoinhas, Jacobina e Santo Antônio de Jesus e Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caetité”.

Nesse período, a UNEB se destacou por oferecer cursos de formação de professores com habilitações plenas em Português, Geografia, História e Letras que promoveu a formação, o aperfeiçoamento dos recursos humanos, pesquisa e extensão. Contudo, esse movimento de criação e expansão do ensino superior na Bahia, sobretudo a criação *multicampi* da UNEB, proporcionou o movimento pendular para estudantes que, em busca de especialização, migraram de suas cidades ou começaram o movimento de ir e vir diariamente de suas cidades até a cidade de seus campi.

2.3 Movimento pendular

Os deslocamentos das pessoas em seus cotidianos se dão por diversos motivos e podem explicitar a falta de atendimento de saúde, trabalho, lazer e

estudos, sendo uma das métricas utilizadas para definir o tipo de relacionamento que os municípios estabelecem entre si (Ferreira, 2017). No âmbito da definição do conceito, Moura, Branco e Firkowski (2005) explicam que o movimento pendular está ligado à identificação de áreas de influência ou regiões funcionais no qual essas áreas estariam ligadas ao mercado de trabalho, contudo o conceito ganha atenção na área dos estudos devido à necessidade de os sujeitos buscarem bens e serviços fora de suas cidades.

O Instituto Nacional de Estatística (2004, p. 2) o define como:

A expressão “movimentos pendulares” é habitualmente utilizada para designar os movimentos cotidianos das populações entre o local de residência e o local de trabalho ou estudo. O conceito de movimento pendular encerra, na sua forma mais simples, duas deslocações de uma pessoa entre dois pontos do espaço geográfico: uma de ida para o local de trabalho ou estudo e outra de retorno ao local de residência. Deste modo, antes de mais, o movimento pendular é uma questão funcional que resulta da organização do território e da não coincidência entre o local de residência e os locais de trabalho ou estudo.

Neste campo, percebe-se que existe ainda uma confusão conceitual quando o assunto é a deslocamento estudantil, onde por muitas vezes o deslocamento é chamado de migração, provocando uma confusão entre quem vai e volta de um município e quem muda de residência com uma finalidade específica. Neste sentido, ressalta-se primeiro que o conceito de movimento pendular ainda é recente e pode ser chamado também de mobilidade pendular, deslocamento pendular e até mesmo de migração pendular, onde a escolha conceitual deste trabalho compreende apenas o de Movimento Pendular.

Aderindo ao conceito do tema, percebe-se que o deslocamento estudantil se desenvolve em estreita relação com o fenômeno da mobilidade populacional, refletindo as dinâmicas sociais, econômicas e territoriais que impulsionam as pessoas a se movimentarem em busca de melhores condições de vida. Nesse contexto, o deslocamento para fins educacionais emerge como uma manifestação específica da mobilidade, impulsionada pela busca por formação e qualificação em locais distantes da residência. Lima e Silva (2014) esclarecem que o movimento pendular brasileiro se trata ainda de um fenômeno recente, onde este aparece de forma nova no âmbito educacional.

Para eles, este movimento tem como característica central o desgaste físico e emocional vivenciado pelos estudantes que o realizam, resultante das longas jornadas de deslocamento diário. Essa rotina extenuante pode comprometer significativamente o desenvolvimento acadêmico, prejudicando o desempenho em atividades curriculares e extracurriculares.

Em pesquisa sobre o movimento pendular estudantil em instituição de ensino em Campos de Goytacazes, Bersot (2019) elucida que o movimento pendular estudantil no município em questão recebe incentivos por meio de políticas públicas, demonstrando o crescimento do fenômeno em determinadas regiões. No entanto, o autor ressalta que, apesar dos incentivos, muitos estudantes enfrentam desafios que afetam sua rotina, como a falta de infraestrutura adequada no transporte público e o cansaço decorrente das longas distâncias percorridas diariamente. Esse desgaste físico e mental impacta diretamente o desempenho acadêmico, gerando uma taxa significativa de evasão ou a necessidade de mudança permanente para o município de estudo.

Reconhecer a complexidade do movimento pendular é essencial para que pesquisas futuras abordem não apenas os efeitos desse deslocamento na vida acadêmica, como também as possíveis soluções que podem ser desenvolvidas por meio de políticas públicas mais inclusivas e que considerem as necessidades específicas dos estudantes pendulares. Isso inclui a melhoria dos serviços de transporte, a criação de subsídios para minimizar o impacto financeiro e a ampliação de programas de apoio psicossocial para esses alunos.

A análise da realidade dos estudantes pendulares e o desenvolvimento de soluções direcionadas têm o potencial de transformar a experiência educacional, promovendo maior equidade no acesso e permanência no ensino superior. As futuras pesquisas devem se empenhar em mapear as demandas locais, dialogando com os estudantes e as comunidades para identificar e implementar políticas públicas que realmente atendam às suas necessidades. Dessa forma, será possível criar condições para que esses alunos alcancem seu pleno desenvolvimento acadêmico e profissional.

2.4 Impacto do movimento pendular na qualidade de vida dos estudantes

Por se tratar de um fenômeno de mobilidade espacial com deslocamento de ida e retorno com determinada frequência, o movimento pendular estudantil, sobretudo no ensino superior, promove impactos financeiros, sociais e de rendimento escolar na vida dos estudantes.

Moreira (2016) destaca que o movimento pendular estudantil, ao exigir deslocamentos diários entre a residência e o campus universitário, demanda gastos financeiros e de tempo significativos dos estudantes, afetando diretamente suas rotinas e reestruturando diversas vivências e experiências espaciais que antes eram mais previsíveis e controláveis. Essa mudança impõe desafios profundos, não apenas no âmbito acadêmico, nas dimensões sociais, religiosas e familiares da vida dos estudantes.

As consequências do processo pendular para os estudantes se solidificam à medida que o estudante precisa lidar com o cenário de deslocamento diário, o que invoca uma série de questões socioeconômicas que afetam diretamente o desempenho em várias atividades da vida diária, como vida prática, vida de trabalho e vida de lazer. O movimento pendular, ao transformar a rotina do estudante, pode gerar experiências significativas que impactam tanto sua qualidade de vida quanto seu desempenho acadêmico: “[...] traumáticas e geradoras de perda de saúde e de qualidade de vida [...]” (Moreira (2016, p. 138), uma vez que estes deverão reestruturar suas vidas.

Ao se ater à realidade dos estudantes trabalhadores, é fundamental reconhecer a importância de políticas públicas mais inclusivas e estruturadas que não só favoreçam o acesso à educação superior, mas também apoiem os estudantes na concorrência de responsabilidades entre o trabalho e os estudos. Isso pode incluir a oferta de subsídios financeiros, melhoria do transporte público e apoio psicossocial, além da criação de programas de flexibilidade acadêmica que possibilitem aos estudantes trabalhadores a conciliação entre suas atividades laborais e acadêmicas, sem que comprometam sua saúde ou sua trajetória educacional.

Neste sentido, Moreira (2016) assinala que o suprimento das necessidades das expectativas educacionais dos estudantes os submete a gastos que excedem suas próprias condições de renda, riscos de acidentes nas estradas, possíveis problemas de saúde devido ao esgotamento físico, viagens até mesmo nocivas à aprendizagem de qualidade, entre outros ônus que atingem a sua vida cotidiana.

A criação, expansão e interiorização dos centros universitários têm de fato um impacto profundo nas dinâmicas socioeconômicas e territoriais do país, especialmente no que se refere ao deslocamento populacional e à geração de novos padrões de vida e moradia. Esses processos não apenas ampliam o acesso à educação superior, como também transformam a estrutura social e econômica das regiões interioranas, impondo novas necessidades e desafios.

Compreendendo as relações que emergem no campo da pendularidade estudantil e observando as potencialidades do campo para análise acadêmica, este estudo visa aprofundar a compreensão dos desafios enfrentados pelos estudantes do Campus XIII da UNEB em seus deslocamentos diários. O movimento pendular, presente na rotina desses estudantes, configura-se como um fenômeno multifacetado que envolve questões socioeconômicas, estruturais e pessoais, e é fundamental para compreender as dinâmicas de acesso à educação superior em regiões interioranas.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Características gerais da pesquisa

Para o desenvolvimento do trabalho, foi definido primeiro o *lôcus* da pesquisa, o Campus XIII da Universidade do Estado da Bahia, no município de Itaberaba, Bahia, que recebe estudantes de toda região da Chapada Diamantina e outros municípios.

Os caminhos metodológicos percorridos no presente estudo foram alicerçados em três etapas:

1. O levantamento bibliográfico que consolidou o escopo teórico para o tratamento de dados deste trabalho foi fundamental para compreender a complexidade do fenômeno do movimento pendular estudantil e para contextualizar a mobilidade estudantil no âmbito da expansão do ensino superior na Bahia;
2. Coleta de dados sobre o número de estudantes matriculados na Universidade e suas cidades, dados fornecidos pelo setor de Coordenação Acadêmica;

3. Obtenção dos dados primários por meio de aplicação de questionário online pela Plataforma *Google Forms* a estudantes do Campus XIII que residem em outros municípios, que fazem o movimento pendular.

3.2 Instrumentos de coleta de dados

A pesquisa usou três combinações de palavra-chave para aprofundar o conhecimento sobre o tema. O primeiro deles foi “Histórico da Expansão do Ensino Superior + Brasil”, “Histórico da Expansão do Ensino Superior + Bahia” e “Movimento pendular + Bahia”, onde foram selecionados 8 trabalhos publicados em Língua Portuguesa sobre o tema. Reitera-se que a produção literária acerca do tema ainda encontra limitações teóricas no seu desenvolvimento, onde se percebe um crescimento intensificado de estudos que buscam compreender a realidade destes estudantes, trazendo maior visibilidade sobre o tema e dando novas proposições acerca desta realidade.

Para analisar a realidade do Campus em questão, foi construído um questionário. Maia (2020) explicita que para elaborar um bom questionário é necessário saber as características da amostra respondente, sobretudo a consciência deste público a respeito do tema pesquisado, devendo este ser simples e acessível, com perguntas que respondam aos objetivos pretendidos na pesquisa.

No questionário utilizado na pesquisa, foram realizadas 3 (três) perguntas que visaram traçar o perfil da amostra e 11(onze) que tiveram como objetivo de responder às lacunas sobre o campo, sobre o transporte, rendimento acadêmico e estratégias utilizadas por estes para melhorar sua vida acadêmica.

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 Perfil dos sujeitos colaboradores da pesquisa

A primeira pergunta do questionário teve o propósito de mapear os municípios de cada estudante respondente:

Quadro 1 - Municípios dos respondentes

Municípios	Quantidade de Estudantes
------------	--------------------------

Boa Vista do Tupim	3 Pessoas
Feira de Santana	1 Pessoa
Iaçu	23 Pessoas
Itaberaba	1 Pessoa
Ipirá	5 Pessoas
Marcionílio de Souza	6 Pessoas
Ruy Barbosa	11 Pessoas

Fonte: Autora (2024)

Os estudantes entrevistados cursam Direito, História, Letras e Pedagogia.

Quadro 2 - Cursos dos respondentes

Curso	Quantidade de Estudantes
Direito	14 Pessoas
História	5 Pessoas
Letras	5 Pessoas
Pedagogia	26 Pessoas

Fonte: Autora (2024)

Em relação ao turno em que estes estudam, estes se dividem:

Quadro 3 - Turno de estudo dos respondentes

Turno	Quantidade de Estudantes
Matutino	3 Pessoas
Noturno	42 Pessoas
Vespertino	5 Pessoas

Fonte: Autora (2024)

4.2 Análise e discussão dos dados

A discussão sobre o transporte estudantil movimenta os mais diversos segmentos da sociedade, sobretudo a classe de estudantes. Martins (2010) reflete que além das disparidades educacionais, o transporte até a escola, faculdade, creche e outras instituições segue explicitando a dicotomia do direito a educação no Brasil.

Com maior concentração de debates nos estudos sobre o transporte na zona rural, os estudos relacionados ao transporte no ensino superior explicitam ainda uma relação de privilégios, assim como o acesso à educação superior sendo uma das demandas para a democratização do ensino (Silva, 2022). A autora explica que por mais que exista uma agenda pública municipal na busca por alternativas que solucionem o problema da mobilidade estudantil no ensino superior, a ausência de dados e informações sobre o assunto inviabiliza a criação de uma solução concreta para o transporte universitário.

Localizada no território de Identidade Piemonte do Paraguaçu³, o *Campus XIII* da UNEB tem no ano atual (2024) cerca de 700 estudantes, sendo que 221 não residem em Itaberaba. Na amostra dessa pesquisa, os 50 estudantes são residentes de 6 municípios localizados no Piemonte do Paraguaçu, Bacia do Jacuípe e do Portal do Sertão, enfatizando um deslocamento para estudos.

A primeira pergunta do questionário respondida pela amostra investigou qual o tipo de transporte utilizado pelos estudantes para acessar o *Campus XIII*; se percebeu uma concentração de 72% de utilização de ônibus público para o deslocamento, 16% de micro-ônibus público, 2% de carro particular, 2% de van pública, 2% de ônibus escolar, 2% de ônibus particular, 2% de carro público, 2% utiliza transporte pago com recurso próprio em horário comercial e à noite pega o transporte público. Os estudantes que dependem do transporte escolar para frequentar o ensino superior são, predominantemente, provenientes de famílias de baixa renda, o que evidencia a importância do acesso a esse transporte para esse público.

No que diz respeito ao acesso desse transporte pelos estudantes, percebe-se que 46 dos estudantes se orientam por grupos de *WhatsApp Messenger*, onde 10 estudantes usam os grupos para organização de frequência, controle e lista de presença, 8 mencionam informações gerais sobre horários e transporte, 5 usam os grupos para tirar dúvidas e fazer contato com o motorista, 3 para indicar a organização e orientações no início dos semestres e 20 mencionam grupos de WhatsApp de forma mais geral. Contudo, 4 dos estudantes indicam ausência e falta de organização no acesso ao transporte para ir para Universidade.

³O Piemonte do Paraguaçu compreende os municípios de Ruy Barbosa, Itaberaba, Rafael Jambeiro, Ibiquera, Boa Vista do Tupim, Iaçú, Santa Terezinha, Itatim, Lajedinho, Macajuba, Piritiba, Mundo Novo, Tapiramutá, Miguel Calmon. (Bahia, 2016)

Estes indicam que o acesso ao transporte em seus municípios não é inteiramente ofertado pela prefeitura, explicitando a falta de planejamento dos municípios. Dos estudantes respondentes, 38 estudantes indicam que existe a necessidade em seus municípios de realizar a solicitação oficial dos documentos. Destes, 15 estudantes explicitam que enviam ofícios e formulários com a lista de alunos todos os semestres à Secretaria de Transporte de seus municípios para solicitar o transporte para o deslocamento; 9 deles indicam a necessidade de documentos específicos como comprovante de matrícula, RG, CPF e fotos 3x4; 3 explicitam que a prefeitura de seus municípios disponibilizam links para inscrição para acesso ao transporte, e 3 indicam a necessidade de realizar a confecção de carteira de transporte para acessá-los.

Por outro lado, 12 estudantes indicam que não existe a necessidade de solicitar oficialmente o transporte a nenhum órgão de suas cidades, onde 7 desses só necessitam ir até o ponto de ônibus para acessá-lo e 3 demonstram que após um histórico de lutas pelo direito ao transporte, hoje apenas precisam chegar à hora correta ao ponto para acessá-lo.

Diante dessas informações, percebe-se que as demandas destes estudantes são muito diversas e reitera a luta por transporte para os estudantes universitários que avançou por meio da Lei Federal n.º 12.816/13 que determina:

Art. 5º. A União, por intermédio do Ministério da Educação, apoiará os sistemas públicos de educação básica dos Estados, Distrito Federal e Municípios na aquisição de veículos para transporte de estudantes, na forma do regulamento. Parágrafo único. Desde que não haja prejuízo às finalidades do apoio concedido pela União, os veículos, além do uso na área rural, poderão ser utilizados para o transporte de estudantes da zona urbana e da educação superior, conforme regulamentação a ser expedida pelos Estados, Distrito Federal e Municípios (Brasil, 2013).

Contudo, mesmo que este dispositivo legal tenha avançado, percebe-se ainda que os municípios que têm uma demanda estudantil para o *Campus* necessitam ainda terceirizar a obrigação de atendimento à Lei por meio de iniciativa dos próprios estudantes para a determinação pública de envio do transporte para o deslocamento.

Quando perguntados sobre as dificuldades que estes enfrentam para estar na Universidade, as respostas são diversas e explicitam dificuldades variadas, como:

Quadro 4 - Problemas no deslocamento estudantil

Problemas dos Estudantes	Quantidades
Transporte e deslocamento	18 pessoas
Problemas financeiros	5 pessoas
Cansaço e exaustão	8 pessoas
Conciliação de trabalho e estudos	7 pessoas
Tempo e rotina	6 pessoas
Questões institucionais e acadêmicas	4 pessoas
Nenhuma dificuldade	2 pessoas

Fonte: Autora (2024)

Estes reiteram os problemas salientados por autores como Moreira (2016) que explicam que o movimento pendular evoca problemas de ordem financeira, cansaço, exaustão, de tempo e rotina. Rocha e Bortolo (2023) explicam que os deslocamentos pendulares aparecem como uma alternativa ao processo de migração, onde o movimento pendular aparece como uma estratégia comum para aqueles que desejam ou precisam acessar oportunidades educacionais em localidades distantes, sem necessariamente mudar de residência.

Essa prática vem se tornando cada vez mais comum em regiões onde a oferta educacional é limitada, mas os indivíduos não possuem recursos ou intenção de migração definitiva. Para muitos estudantes, o movimento pendular é uma solução necessária para equilibrar a vida acadêmica e pessoal, apesar das dificuldades que surgem, como os problemas de transporte, cansaço e a pressão de conciliar múltiplas atividades.

Nesse contexto, Braga e Matos (2017) enfatizam que o aumento dos deslocamentos pendulares entre estudantes reflete as dinâmicas de mobilidade populacional que são características da atualidade. As antigas teorias migratórias, que focavam em movimentos de migração definitiva, estão sendo reinterpretadas à luz dessas mudanças diárias. A mobilidade pendular, assim, não responde apenas às necessidades educacionais e de trabalho, como também demonstra as transformações nos padrões de mobilidade, que agora incluem movimentos não permanentes e flexíveis. Esse aspecto ressalta a importância de se compreender as novas realidades da vida e o estudo dos indivíduos.

Perpetua (2010) acrescenta que as diferenças entre migração e movimento pendular não se limitam ao propósito de deslocamento, mas também à frequência e duração desses movimentos. No caso dos deslocamentos pendulares, os indivíduos retornam regularmente ao local de origem, o que difere essencialmente dos processos migratórios. No entanto, essas mudanças contínuas geram um desgaste que se reflete na vida pessoal e acadêmica dos estudantes, evidenciando as dificuldades relacionadas nas respostas estudantis coletadas. O movimento diário, portanto, exige que os estudantes conciliem uma rotina de estudo com o tempo de deslocamento, o que nem sempre é uma tarefa fácil.

Moura, Branco e Firkowski (2005) complementam ao defender que o uso dos termos “deslocamento” e “movimento pendular” para categorizar esse específico, destacando que ele representa uma rotina de ida e volta, sem a fixação em uma nova localidade. Esse tipo de mobilidade é característico dos estudantes que enfrentam desafios como a distância geográfica, a falta de transporte adequado e a necessidade de se adaptar a ambientes distintos, acadêmicos e pessoais. Esses fatores negativos para a compreensão de que, enquanto a migração exige uma mudança definitiva, o movimento pendular representa uma forma adaptativa de buscar novas oportunidades, sem abandonar o lar ou a comunidade de origem.

Outro ponto examinado no questionário foram os desafios enfrentados pelos estudantes no trajeto casa-universidade que compõem parte dos problemas do movimento pendular. As respostas variaram bastante, indicando que: 20% dos respondentes enfrentam problemas de infraestrutura como estradas esburacadas, falta de semáforos ou placas de trânsito e más condições de ônibus; 30% enfrentam problemas logísticos como horários, cansaço, transporte inadequado; 25% enfrentam problemas pessoais como falta de tempo para se alimentar adequadamente, desgaste emocional e convivência; 25% afirmam enfrentar problemas de segurança como os horários de pegar o transporte, locais desertos, riscos de assaltos e outros perigos.

Deste modo, compreende-se que os desafios do movimento pendular para os estudantes do Campus XIII não se concentram apenas no processo de deslocamento até a Universidade, compreendendo o processo de comunicação nos grupos de *WhatsApp*, deslocamento até o ponto, perigos da vida pública como segurança, assédio e outros, e a qualidade do transporte que estes utilizam até chegar à Universidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização do conceito de movimento pendular reforça a necessidade de categorizar e compreender os desafios enfrentados pelos estudantes no processo formativo. Integrar o sonho do ensino superior às demandas profissionais e pessoais exige sacrifícios e mobilização política para garantir condições adequadas à formação acadêmica.

A vivência no deslocamento diário entre casa e universidade é marcada por condições adversas, como assentos desconfortáveis, ruídos que dificultam o descanso ou estudo, e a convivência em espaços limitados, que refletem a diversidade de personalidades e hábitos dos estudantes. O celular surge como uma ferramenta essencial, viabilizando a comunicação eficiente sobre transporte, organização de avisos e momentos de lazer, demonstrando sua multifuncionalidade frente às adversidades.

No entanto, o cansaço físico e mental dos estudantes piora com problemas inesperados, como falhas nos veículos, lotação excessiva e estradas ruins, colocando-os em risco o tempo todo. Esses impasses mostram a necessidade de políticas públicas que cuidem da manutenção dos veículos, melhorem as estradas e criem soluções de transporte que atendam as necessidades dos estudantes.

Este estudo reforça a importância de evidenciar as trajetórias formativas dos estudantes e os impactos do deslocamento pendular em sua vida acadêmica. Ao analisar os riscos de evasão e baixo rendimento, a pesquisa contribui para o debate sobre a democratização do ensino superior e para a formulação de estratégias que assegurem o acesso equitativo à educação.

As dificuldades enfrentadas pelos estudantes do Campus XIII não apenas revelam as limitações estruturais e logísticas do transporte, bem como refletem a precariedade de políticas públicas externas para a democratização do ensino superior. O movimento pendular, embora seja uma alternativa necessária para muitos, acaba por evidenciar desigualdades sociais e econômicas, necessitando cada vez mais que a luta pelo transporte adequado, descrita por vários estudantes, persista numa militância relevante, pois o acesso à educação superior ainda é uma vantagem em muitos contextos. A ausência de infraestrutura, aliada à falta de

políticas consistentes e de planejamento municipal, mantém barreiras para a formação acadêmica e o desenvolvimento pessoal desses estudantes.

A análise dos dados também destaca como os próprios estudantes assumem papéis de protagonistas em suas trajetórias. A organização em grupos de WhatsApp, por exemplo, demonstra capacidade de mobilização e adaptação diante da ausência de apoio sistemático das autoridades municipais. Esses grupos funcionam não apenas como ferramentas de comunicação; são como espaços de solidariedade e resistência, nos quais os estudantes reúnem informações e estratégias para enfrentar os desafios do deslocamento. No entanto, a dependência de soluções feitas pelos próprios estudantes mostra as falhas das políticas públicas, que deveriam garantir um transporte justo e eficiente para todos.

Por fim, é importante destacar que entender as experiências desses estudantes vai além da parte acadêmica, permitindo uma reflexão mais ampla sobre as dificuldades de acesso e permanência no ensino superior no interior da Bahia. Ao pensar nos impactos emocionais e financeiros do movimento pendular, fica claro que é urgente a necessidade de ações conjuntas entre as prefeituras, universidade e outros órgãos responsáveis. É essencial criar políticas públicas mais fortes e inclusivas, que melhorem o transporte e ofereçam soluções para garantir o direito à mobilidade acadêmica, permitindo que esses estudantes possam alcançar seus objetivos educacionais sem prejudicar sua saúde e qualidade de vida.

Dessa maneira, sempre que forem “cantar e contar” (retomando a epígrafe da Introdução) sobre as trajetórias vividas no período desse movimento pendular, poderão apresentar narrativas cantadas e contadas de forma que demonstrem mais satisfação e alegria. Desejo isto para mim e para minhas/meus colegas!

REFERÊNCIAS

BAHIA (Estado). Secretaria do Planejamento. **Perfil Territorial de Desenvolvimento Sustentável do Território de Identidade Piemonte do Paraguaçu**. Salvador: Sei, 2016. (Volume 2: Territórios de Identidade): Disponível em:

https://sei.ba.gov.br/images/publicacoes/download/perfil_dos_territorios/territorio_identidade_vol02.pdf. Acesso em: nov. 2024.

BERSOT, Irla Farah. Movimento pendular: o deslocamento diário dos estudantes universitários de conceição de Macabu com destino a Campos dos Goytacazes, no

norte fluminense. In: SIMPOSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 16. 2019, Niterói, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos** [...]. Niterói, Rio de Janeiro: UFF, 14 a 17 de novembro de, 2019. p.1-18. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/simpurb2019/article/view/26607>. Acesso em: nov. 2024.

BRAGA, Fernando; MATOS, Ralfo. Quem são os migrantes das metrópoles? Uma análise comparativa das pessoas que entraram e saíram das regiões metropolitanas brasileiras. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT)**, n. 11, p.1-23, 2017. Disponível em: <https://cegot.org/ojs/index.php/GOT/article/view/2017.11.003/0>. Acesso em: nov. 2024.

BRASIL. Lei n.º 12.816, de 5 de junho de 2013. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 6 jun. 2013. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/26854846/artigo-5-da-lei-n-12816-de-05-de-junho-de-2013>. Acesso em: nov. 2024.

CHAPANI, D T. A formação de professores na gênese do sistema estadual de ensino superior da Bahia. **Revista Brasileira de História de Educação**, Campinas, SP, v. 12, n. 1 p. 145-166, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5761/576161045011.pdf>. Acesso em: nov. 2024.

CONELHO UNIVERSITÁRIO. **Estatuto da UNEB**: resolução CONSU nº 1.372/2019 (doe 31.07.2019, p. 59): decreto estadual nº 22.145, de 14.07.2023 (doe 15.07.2023, p. 6). Salvador: CONSU, 2019. Disponível em: <https://conselhos.uneb.br/wp-content/uploads/2023/07/Estatuto-da-UNEB-em-vigor-1.pdf>. Acesso em: nov. 2024.

FERREIRA, Ulisses Carlos Silva. Movimento Pendular, principais destinos e tempo de deslocamento para o trabalho na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 17., 2017, São Paulo. **Anais eletrônicos** [...] São Paulo: Anpur, 2017.p. 1-15. Disponível em: <http://www.anpur.org.br/ojs/index.php/anaisenapur/article/view/1693> Acesso em: nov de 2024

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **Movimentos pendulares e organização do território metropolitano**: área metropolitana de Lisboa e área metropolitana do Porto: 1991/2001. Lisboa, Portugal: INE, 2004. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=72315&DESTAQUESmodo=2. Acesso em: set de 2024

INSTITUTO SEMESP. **Mapa do Ensino Superior no Brasil**. 10. Ed. São Paulo: semesp, 2021. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2020/04/Mapa-do-Ensino-Superior-2020-Instituto-Semesp.pdf>

LIMA, William de Mendonça; SILVA, Bruno Lopes. **Comutação diária de estudantes de ensino médio no município de Natal**. ABEP, 2014. Disponível em: https://hugepdf.com/download/comutacao-diaria-dos-estudantes-de-ensino-medio-no-municipio-de_.pdf. Acesso em: set de 2024

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Questionário e entrevista na pesquisa qualitativa: elaboração, aplicação e análise de conteúdo: manual didático. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 52p. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/341259892_Questionario_e_entrevista_na_pesquisa_qualitativa_Elaboracao_aplicacao_e_analise_de_conteudo. Acesso em: 5 ago. 2024.

MARTINS, Ana Paula Antunes. **Análise dos impactos das condições do transporte escolar rural no rendimento escolar dos alunos**. 2010. 126f. Dissertação (Mestrado em Transportes Urbanos) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/8542>. Acesso em: 5 ago. 2024.

MOURA, Rosa; BRANCO, Maria Gomes Castello; FIRKOWSKI, Olga Lúcia C. de Freitas. Movimento pendular e perspectivas de pesquisas em aglomerados urbanos. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 121-133, out./dez. 2005. Disponível em: <https://scielo.br/j/spp/a/NWrbPYkHk5DXS3sh7yGBnSf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 ago. 2024.

MOREIRA, F. F. Universidade e pendularidade: experiências espaciais na transitoriedade estudantil para o campus X - UEPA/Igarapé-Açu (Pará - Brasil). **Élisée - Revista de Geografia da UEG**, v.5, n.2, p.130-153, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/4874>. Acesso em: 5 ago. 2024.

MOTA JUNIOR, Antônio de Macedo; TORRES, Henderson Carvalho. Educação superior no estado da Bahia: contexto histórico e expansão da oferta. **Plurais revista multidisciplinar**. Salvador, v. 2, n.2, p. 83-106, abr./ago. 2017. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/plurais/article/view/3955/2487>. Acesso em: 5 ago. 2024.

NEVES, Clarissa Eckert Baeta; MARTINS, Carlos Benedito. **Ensino superior no Brasil: uma visão abrangente**. [S.l.]: [S.n.], 2014. (Capítulo 3). Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9061/1/Ensino%20superior%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2024.

PERPETUA, Guilherme Marini. Movimentos pendulares e acumulação do capital. **Pegada Eletrônica**, Presidente Prudente, v. 11, n. 2, p. 132-155, jul./dez., 2010. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/1309>. Acesso em: 5 ago. 2024.

ROCHA, Vanessa Tamiris Rodrigues; BORTOLO, Carlos Alexandre de. O movimento pendular de estudantes universitários francisco-saenses com destino a Montes Claros (MG). **Revista Cerrados (Unimontes)**, v. 21, n. 1, p. 75-105, 2023. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5769/576976196007/html/>. Acesso em: nov. 2024.

SILVA, Laira Thamys de Araujo. **Transporte universitário como política de acesso e permanência no ensino superior**: análise situacional sobre o programa

passé livre universitário implementado no município de Itaocara. Rio de Janeiro (2013 – 2020). 2022. 132f. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://uenf.br/posgraduacao/politicas-sociais/wp-content/uploads/sites/11/2023/09/LAIRA-THAMYS-DE-ARAUJO-SILVA.pdf>. Acesso em: nov. 2024.

ZEZINHO, Padre. **histórias que eu conto e canto**. São Paulo: Paulinas, 1974. 1 disco sonoro (LP), 33 1/3 rpm.